

Jazz

7 de março 2013

# Orquestra Jazz de Matosinhos convida o pianista João Paulo Esteves da Silva

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Solista** João Paulo Esteves da Silva (Piano)

**Direção** Carlos Azevedo e Pedro Guedes

**Saxofones** João Guimarães, João Pedro Brandão, Mário Santos, Manuel Marques, Rui Teixeira

**Trompetes** Gileno Santana, Javier Pereiro, Rogério Ribeiro, Susana Santos Silva

**Trombones** Daniel Dias, Álvaro Pinto, Andreia Santos, Gonçalo Dias

**Secção Rítmica** Nuno Ferreira (Guitarra), Nelson Cascais (Contrabaixo), André Sousa Machado (Bateria)

**Qui 7 de março**

**21h30 · Grande Auditório · Duração aproximada: 1h20 · M3**

## Com o tapete tirado de debaixo dos pés

Ao longo do seu percurso, a mais importante das *big bands* nacionais tem-se caracterizado por dirigir convites a nomes grandes do jazz tocado dentro e fora de portas, com vista ao desenvolvimento de projetos conjuntos. Entre os pianistas que já o fizeram estão Mário Laginha, António Pinho Vargas, Jim McNeely e Carla Bley. A diferença relativamente à colaboração de João Paulo Esteves da Silva com a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) está num importante fator: esses músicos foram envolvidos mais na sua qualidade de compositores do que de instrumentistas, se bem que uma condição implícita, naturalmente, a outra.

Com João Paulo reverte-se a situação. É o pianista, sempre, que está em primeiro lugar. Muito embora também componha, e também seja conhecido pela sua atividade como arranjador, é o improvisador que está em causa. Para si, uma partitura – quando existe – é apenas um ponto de partida e uma referência, numa viagem que vai des- construindo as notas que foram escritas a fim de as levar para outros lugares e desfechos, inicialmente imprevisíveis. O que significa, para a meticulosa e organizada OJM, um desafio.

Tocar com o autor de *Memórias de Quem* obriga a encontrar novos equilíbrios em circunstâncias que são, logo à partida, desestabilizadoras. Se outras provas de fogo a orquestra dirigida por Carlos Azevedo e Pedro Guedes foi tendo, delas se destacando as parcerias

com John Hollenbeck e a dupla Lee Konitz / Ohad Talmor, esta representa um tirar do tapete de debaixo dos pés. Uma grande formação capaz de interagir com João Paulo Esteves da Silva é capaz de praticamente seja o que for.

Mas não se pense que o esforço fica todo para o lado dos membros da OJM. Acontece que a música de João Paulo é especialmente intimista, motivo pelo qual, de resto, ele prefere o solo ou os pequenos combos. Trabalhar com uma orquestra determina-lhe alguma alteração de parâmetros e esta tem de ser concretizada sem que se adulterem as particularidades que definem o seu estilo muito próprio: «De modo geral, a música que faço pede uma relação personalizada entre os intervenientes, e tende a dar-se mal com efeitos de massa, sinfónicos ou outros. O certo é que sempre achei que as minhas composições – os temas, como dizemos no jazz – se prestam facilmente à orquestração. Com a OJM a relação pessoal é uma constante, e a única diferença acaba por ser o alargamento da paleta sonora», explica.

Embora, e tal como acima ficou dito, seja o pianista que mais transpareça neste contexto, aquilo que João Paulo faz habitualmente com o piano, recorrendo a um repertório alicerçado no folclore, com elementos do fado, da chula, do cancionero galaico-português e da música sefardita, a vertente temática é um pilar óbvio do jogo que se propõe. No alinhamento do concerto não deixarão de estar presentes os *leitmotivs* que tornaram este num dos mais bem-amados músicos do nosso

país, estimado até por quem não ouve habitualmente jazz, composições como *Certeza*, *Bela Senão Sem*, *Tristo*, *Canção Açoriana* e *Fado Menor*.

«*Certeza*, de 1994, é a única partitura do período em que compor foi o foco da minha criatividade – a minha ideia, na altura, era fazer uma música em que a componente escrita e a improvisação fossem praticamente indistinguíveis por parte do ouvinte. Depois, fui escrevendo menos e improvisando mais. Juntei os temas que iam aparecendo, a maior parte deles inéditos, para esta apresentação com a OJM. O Carlos e o Pedro arranjaram três peças cada um e eu contribuí com dois outros arranjos. As escolhas foram feitas em conjunto, mas a partir daí cada um ficou livre para fazer o arranjo que bem entendesse. Haverá igualmente um momento de improvisação coletiva, utilizando alguns motivos extraídos de uma “impro” minha gravada para o *Memórias de Quem, Fantasmas*», adianta o convidado da Orquestra Jazz de Matosinhos.

Como seria de esperar, as coordenadas desta colaboração não são as mais convencionais e as mais óbvias, tipo “concerto para piano e orquestra”. Ou seja, João Paulo não se comportará simplesmente como um solista: «Serei o pianista da *big band*, participando quer como solista, quer como acompanhador. Haverá bastantes solos meus, alguns em acordeão, porque assim se definiu, mas estarei presente como um elemento da orquestra. Aliás, na OJM as coisas funcionam como num grupo de menores dimensões. É uma equipa com uma imensa e antiga cumplicidade, em que

todos gostam do que fazem. O ambiente dos ensaios é extremamente caloroso.»

João Paulo confessa-se, de resto, um admirador da OJM: «Tem feito um trabalho exemplar, com competência, ouvidos abertos e vontade de fazer evoluir a escrita para *big band* sem renegar a tradição. A minha reação é: “Chapeau bas!”» A primeira vénia veio, de qualquer modo, da orquestra integrada por músicos do Norte que ganharam relevo na cena nacional como Demian Cabaud, Susana Silva, José Pedro Coelho, João Guimarães, Mário Santos e Marcos Cavaleiro. Este convite surgiu como o justo reconhecimento daquele que é, hoje e indiscutivelmente, o melhor dos pianistas de jazz portugueses...

Esse destaque prefere o homenageado, na sua já lendária modéstia, não comentar. As suas palavras tomam outro sentido: «Vejo e oiço, com agrado, cada vez mais jovens músicos apaixonados pela improvisação, pianistas e outros. Somos menos agora, depois da morte de Bernardo Sasseti, e a “cena” ainda anda triste... Como é que me situo no meio? Espero que entre os bons, embora, ao mesmo tempo, solitário no meu caminho. Acho que, em alguns aspetos, a minha música já terá dado alguns sinais de maturidade. Noutros, ainda promete, e isso só pode ser positivo.»

Rui Eduardo Paes  
Crítico de música, ensaísta

## João Paulo Esteves da Silva

---

Nasceu em Lisboa em 1961 de mãe pianista e pai filósofo.

Em 1979 participou no Festival de Jazz de Cascais com o grupo Quinto Crescente.

Em 1984 completa o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional e parte para França, mantendo-se no exílio até 1992.

Em 1993 grava o seu primeiro disco em nome próprio *Serra sem Fim* para a editora Farol.

Em 1996 conhece o produtor Todd Garfinkle, da editora M.A. Recordings, com quem inicia uma longa colaboração, documentada em seis discos, e que dura até 2001. Neste ano, instigado por Carlos Bica, grava um primeiro solo de piano, *Roda*, para a editora francesa L’Empreinte Digitale.

Em 2003 começa a gravar para a editora Cleanfeed. O seu último disco *Scapegrace*, em duo com Dennis Gonzalez, foi galardoado com o prémio Autores da SPA para o Melhor Disco 2009.

Ao longo dos anos são inúmeras as colaborações, em concertos e discos, com músicos nacionais e estrangeiros. De destacar particularmente os trabalhos com Ricardo Rocha, Carlos Bica, Cláudio Puntin, Samuel Rohrer, Jean-Luc Fillon, Peter Epstein, Ricardo Dias, Dennis Gonzalez no campo da música instrumental; e também as parcerias com cantores e cantoras, Vitorino, Sérgio Godinho, Filipa Pais, Ana Brandão, Maria Ana Bobone, Cristina Branco, entre outros.

Tem vindo a trabalhar cada vez mais noutras áreas como a poesia publicando dois livros e colaborando em revistas, de papel e online; o teatro, enquanto tradutor e músico (Beckett, Ibsen, Strindberg, Brecht) e a interessar-se por aproximações e diálogos entre a música e outras artes, tendo assinado trabalhos conjuntos com o fotógrafo José Luís Neto e composto, por exemplo, a banda sonora do filme *Sem Nome* de Gonçalo Waddington.

Desde 2009 é professor da Escola Superior de Música de Lisboa na licenciatura em Jazz.

## Orquestra Jazz de Matosinhos

---

Criada em 1999, a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) é uma das formações mais dinâmicas do jazz portugueses atual. Com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos, iniciou a sua atividade como uma orquestra de autores, divulgando as composições e arranjos dos seus diretores Pedro Guedes e Carlos Azevedo. A participação na Porto 2001 foi um primeiro passo no alargamento da sua base de trabalho, tornando-se cada vez mais um fórum de compositores que tem dado origem a um repertório nacional específico para este tipo de formação. Mais tarde, o protocolo estabelecido com a Casa da Música veio favorecer o desenvolvimento de projetos diversificados em colaboração com músicos de relevo internacional. O caráter único da OJM revela-se na versatilidade que lhe permite assumir todas estas vocações e desempenhar o papel de uma orquestra

nacional de jazz, apresentando repertórios de todas as variantes estéticas e todas as épocas do jazz.

Nos quatro discos já editados, a OJM conta com as participações de grandes solistas com quem tem desenvolvido colaborações aprofundadas: Chris Cheek, Lee Konitz, Kurt Rosenwinkel e Maria João. Partilhou o palco com agrupamentos ligados ao repertório clássico e com solistas, compositores e maestros de prestígio. Para além das presenças regulares nas principais salas do país, tem atuado em Bruxelas, Milão e Nova Iorque. Foi a primeira formação portuguesa de jazz a participar num festival norte-americano (JVC Jazz Festival), e realizou temporadas nos clubes novaiorquinos Jazz Gallery, Jazz Standard e Iridium. Em 2011 voltou a trabalhar com a compositora e maestrina Maria Schneider, a cantora Maria João, o guitarrista Kurt Rosenwinkel e o saxofonista Lee Konitz, incluindo concertos em Portugal, França e no clube Birdland em Nova Iorque.

## Próximo espetáculo

# Melancolía y Manifestaciones

**Teatro Qui 14, sex 15, sáb 16 março**

Palco do Grande Auditório · 21h30

Dur. aprox. 1h15 · M12 · Espetáculo em espanhol, com legendas em português



**Texto e encenação** Lola Arias **Coreografia e colaboração na encenação** Luciana Acuña **Performers** Lola Arias, Elvira Onetto, Mario Aitel, Vicente Fiorillo, Ernestina Ruggero, Noelia Sixto **Música** Ulises Conti **Música ao vivo** Fernando Pereyra **Dramaturgia e produção** Sofia Medici **Video** Nele Wohlatz **Técnica e operação de vídeo** Marcos Medici **Cenografia** Mariana Tirantte **Figurinos** Sofia Berhaka **Desenho de luzes** Matías Sendón **Diretor técnico e adaptação de luzes** Gustavo Kotik **Coprodução** Wiener Festwochen, HAU Berlin, Centro Cultural General San Martin **Estreia** Wiener Festwochen, Viena, 13 de maio de 2012

“Quando eu nasci, o ovário da minha mãe explodiu e tudo se cobriu de sangue: a cama, o chão do hospital, a roupa das enfermeiras. Estávamos em 1976, e o país também tinha explodido sob um golpe militar. A minha mãe e eu sobrevivemos à explosão.

Mas passados uns dias a minha mãe ficou muito triste. Foi a um médico e disseram-lhe que essa tristeza se cha-

mava depressão e que tinha de tomar uns comprimidos para se curar. Com os anos, a minha mãe começou a viver entre dois extremos: passava meses sem querer sair de casa, quase sem comer nem falar, e noutros meses andava eufórica pela cidade a toda a velocidade, falando de tudo o que ninguém teria coragem de dizer, como a rádio de um país onde não houvesse censura.”

*Melancolía y Manifestaciones* é o diário da doença de uma mãe contado pela testemunha mais próxima, a sua própria filha. Uma história clínica poética que vai entrecruzando memórias infantis, listas de objetos roubados, ideias de suicídio, crónicas de manifestações. No palco, a filha, a mãe e um grupo de atores de cerca de 75 anos reconstruem algumas cenas do passado sob a forma de um inquietante livro ilustrado.

## Conselho de Administração

### Presidente

Fernando Faria de Oliveira

### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

### Assessores

#### Dança

Gil Mendo

#### Teatro

Francisco Frazão

#### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

## Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Mafalda Munhá

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

## Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---